

Conveniência determina trégua

Eleição faz adversários esquecerem acusações que motivaram até processos judiciais

O ex-governador Orestes Quércia costumava chamar de "Maria Louca" o senador Roberto Requião e este de "Tartaruga ninja em negativo" a Quércia. Ambos protagonizaram uma guerra pública de acusações de corrupção e críticas que motivou a abertura de processos judiciais por calúnia ou difamação. Até que a conveniência política fizesse mais alto, o que parece ter ocorrido ontem, Quércia e Requião, do PMDB, eram conhecidos como inimigos ferrenhos.

A briga começou em 1990, quando o então governador de São Paulo teria negado apoio financeiro à eleição de Requião, candidato ao governo do Paraná. Já na condição de governador, ele montou o "Disque-Quércia", um serviço telefônico que recebeu cerca de 300 denúncias contra Quércia.

"Consegui pregar o carimbo de corrupto na cara do Quércia", costumava afirmar Requião. "Não é

um débil mental como o Requião que vai colocar o carimbo de corrupto em mim: eu sim é que coloquei nele o carimbo de Maria Louca", respondia Quércia, chamando Requião "Cara de Pau".

Requião foi acusado de ter usado o mandato à frente do governo para manter o serviço, além de determinar que policiais militares enviassem cartas-denúncia contra Quércia. O governador paranaense guardou as denúncias para si e disse ter inspirado-se no filósofo Antônio Gramsci na tentativa de "desgastar os poderosos pela ironia" por intermédio do serviço telefônico. Requião voltou a utilizar a mesma estratégia contra o ex-presidente Fernando Collor (Disque-Collor).

A vingança de Quércia não demorou e, em novembro de 1991, Requião foi expulso do partido. O exílio durou pouco. Quércia teve de aceitar seu retorno, menos de cinco meses depois, por determinação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A briga foi esquentada durante a definição do candidato do PMDB à eleição presidencial de 1994. Quércia venceu a prévia da legenda contra Requião.